

**REPRESENTAÇÕES DO ESPECIAL DE 100 ANOS DA REVOLUÇÃO RUSSA
NO JORNAL *O ESTADO DE S. PAULO***

João Augusto Sanches Borgato¹

¹Formado em História pela Universidade do Sagrado Coração (USC); aluno da Pós-Graduação em História, Cultura e Poder pela Universidade do Sagrado Coração (USC). E-mail para contato: joao-borgato@hotmail.com.

RESUMO

A Revolução Russa foi um dos eventos mais significativos do início do século XX e completa 100 anos de história em 2017. Um evento de importâncias, significados, temores, repercussões e representações que moldou a vida das pessoas, os rumos políticos e a geopolítica mundial. Neste trabalho, pretende-se buscar pela imprensa de circulação nacional, *O Estado de S. Paulo*, as representações sobre a Revolução Russa de 1917. Para tanto, avaliaremos os títulos, os subtítulos, as manchetes, as entrevistas e os conteúdos do caderno Especial de 100 Anos da Revolução Russa do jornal *O Estado de S. Paulo*. Ao término do trabalho, espera-se chegar a um resultado que contribuirá para o entendimento do assunto, sem contudo esgotar esse tema bem como seu amplo debate.

Palavra-chave: Revolução Russa. *O Estado de S. Paulo*. Especial de 100 anos.

INTRODUÇÃO

O presente artigo “Representações do especial de 100 anos da Revolução Russa no jornal *O Estado de S. Paulo*” busca fazer uma análise das manchetes, entrevistas, artigo, análise e matérias trazidas por este Especial lançado em comemoração aos 100 anos de Revolução Russa.

Publicado em 05 de novembro de 2017, ou seja, lançado recentemente, a análise de suas manchetes, entrevistas, artigo, análise e matérias serão feitas no calor do momento. Momento mais oportuno não existe, pois, as situações vividas por nossa sociedade nos obrigam a olhar o passado em busca de reflexões para o nosso futuro, para que possamos aprender com os caminhos e descaminhos da Revolução Russa.

O artigo se pautará em uma pesquisa bibliográfica e discussão historiográfica a respeito do tema, onde será discutida a questão histórica da época- 1917-, suas implicações na sociedade de ontem e hoje, bem como os meios da imprensa- *O Estado de S. Paulo*. A análise documental se deu através da consulta e interpretação do Especial em objeto físico, sendo o presente pesquisador possuidor do mesmo.

Objetiva-se ao fim desse artigo trazer uma pequena contribuição para a historiografia brasileira por meio da pesquisa histórica de temas relevantes para a sociedade através de periódicos e assim ampliar o debate nos meios acadêmicos sobre o uso e a importância das pesquisas e representações obtidas por meio dos mesmos.

O artigo será dividido em duas partes: a primeira irá trazer um levantamento sobre a Revolução Russa, a imprensa e suas representações; essa primeira parte tem por objetivo situar o leitor espacialmente. Já a segunda parte terá por objetivo a análise e

interpretação crítica acerca do Especial analisado e chegar a uma conclusão, contudo sem esgotar o amplo debate em aberto.

DESENVOLVIMENTO

O historiador quando se debruça sobre seu objeto de pesquisa, deve estar preparado metodologicamente e bibliograficamente para formar um amplo arcabouço na qual conseguirá dominar e extrair a totalidade do que se busca nas fontes sejam elas documentais, periódicas, orais, visuais, etc.

Quando se seleciona um documento para se debruçar e torna-lo objeto de pesquisa tem que se levar em consideração que o passado positivista de análise onde o documento fala por si só já não existe, foi suplantado pela visão de que:

O documento já não fala por si mesmo mas necessita de perguntas adequadas. A intencionalidade já passa a ser alvo de preocupação por parte do historiador, num duplo sentido: a intenção do agente histórico presente no documento e a intenção do pesquisador ao se acercar desse documento (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 1989, p.15).

Por se tratar de uma pesquisa periódica devemos levar em consideração alguns fatores, como nos explica De Luca (2008, p. 140):

[...] A importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores. Igualmente importante é inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário. Ou seja, à análise de materialismo e de conteúdo é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediatos e necessariamente patentes nas páginas desses impressos.

A imprensa “seleciona, organiza estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de se chegar até o público” (DE LUCA, 2008, p. 139). Compete ao historiador captar nas entrelinhas as representações e anseios do grupo editorial, seus patrocinadores, bem como aqueles a quem estes representam.

As fontes periódicas trazem em si uma noção da percepção do social, muitas vezes excludentes como salienta Chartier:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990, p.17).

As representações sempre vêm imbuídas de um conceito pré-determinado diluído desde o momento de nascimento que quando entram em contato com o outro faz com que o mesmo se sinta inferior nas suas formas de agir e pensar e de se relacionar ao entrar em contato com a visão do dominante. É papel de o historiador ir contra a corrente dominante e “lembrar ao mundo o que outros esquecem” (HOBSBAWM, 2008 p.13) e convenientemente distorcem.

Foi apenas no final do século XX que o uso das fontes periódicas passou a ser amplamente utilizados e aceitos nos meios acadêmicos, gerando uma grande

possibilidade de pesquisa e fontes a serem utilizadas. Em comparação com o restante do mundo “ainda é recente se comparado a Europa e Estados Unidos. Somente nos últimos anos, os trabalhos que se valham de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história do Brasil se consolidaram” (CALONGA, 2012 p. 86).

Segunda- feira dia 04 de janeiro de 1875, nasce o jornal *O Estado de S. Paulo*, nessa época ainda sob o nome de *A Província de S. Paulo*. Contrário ao regime monárquico brasileiro o jornal nasceu republicano, defendendo o fim da monarquia.

No dia 03 de dezembro de 1889, foi o último dia que o termo “A Província” fora utilizada em seu nome. Após a queda da monarquia o jornal passou a utilizar em seu nome o termo “O Estado”. Apesar do apoio para a derrubada da monarquia o jornal se mostrou neutro em suas escolhas políticas, não demonstrando apoio a nenhum partido político da época. Moreira (2006, apud Borgato, 2016, p. 09):

O jornal foi criado para servir como porta-voz de um grupo de paulistas liberais republicanos originários da cafeicultura, atribuindo-se um papel de guia intelectual da sociedade. Através dos editoriais, consolidava-se com representante da classe dominante paulista.

Na virada do século Júlio de Mesquita assume a liderança do jornal totalmente, pois, Francisco Rangel Pestana saiu para trabalhar em um projeto em Petrópolis e com isso novas modificações são introduzidas no jornal, como por exemplo, a contratação de uma agência estrangeira para tornar mais rápidas as notícias internacionais.

Iniciou o século XX já consolidado como o maior jornal de São Paulo. Durante a Primeira Guerra Mundial tomou partido da causa aliada, publicando durante todo o conflito o “*Estadinho*” versão vespertina do jornal, sendo chefiada por Júlio de Mesquita e trazia notícias do front de combate na Europa.

Em 1927, Júlio de Mesquita veio a falecer e quem passa a comandar agora o jornal é Júlio Mesquita Filho e seu irmão Francisco. Essa nova direção faz o jornal apoiar a candidatura de Getúlio Vargas pela Aliança Liberal em 1930. Vargas sai derrotado, contudo assume o poder com a Revolução de 1930, esse momento é representado e saudado pelo jornal como fim do sistema Oligárquico.

Em 1932, o jornal *O Estado de S. Paulo* encabeça e lidera o movimento da Revolução Constitucionalista. Após amplo apoio e combate armado acabam derrotados, resultando em grande parte de seus diretores sendo mandados para o exílio. Apesar de perderem durante a Revolução Constitucionalista continuaram sendo oposição durante todo o Estado Novo, o que resultou em 06 de março de 1940, serem invadidos pelo Dops, pois, segundo denúncias supostamente armazenava armas. Não passava de uma maneira de censurar o jornal. O jornal foi fechado em primeiro momento e depois confiscado pela ditadura, vindo ser administrado pelo DIP até 06 de dezembro de 1945 quando por ordem do Supremo Tribunal Federal é mandado o jornal retornar para as mãos dos antigos proprietários. *O Estado de S. Paulo* desconsidera todos os números publicados durante esse período que compreende aproximadamente 05 anos de sua história oficial.

No decorrer das décadas de 1946 a 1964, o *Estadão* é contrário a todos os governos que passaram pela presidência do país. O presidente João Goulart sofreu uma maior oposição por parte do jornal do que os anteriores presidentes.

Em 1964, o *Estadão* apoia o golpe de estado militar que alijou do poder João Goulart e feriu de morte a democracia brasileira. Seu apoio foi devido a este veículo da mídia não considerar um “golpe”, mas sim um “contragolpe” por parte dos militares “salvando” o Brasil do golpe premeditado por João Goulart e as forças de esquerda.

Após o A-I 2 o jornal rompe com o regime militar e passa ser oposição a ditadura. Já era tarde, o monstro que ajudou a chegar ao poder estava forte demais para se assustar com a perda de apoio.

No dia 13 de dezembro de 1968, o jornal publicou na seção “notas informação” o editorial “Instituições em Frangalhos”, o jornal foi invadido e durante boa parte da ditadura que viria nos anos subsequentes a sua redação contou com sensores nas quais sua principal função era de censurar o conteúdo que seria impresso como notícia que poderia ser contrário a ditadura militar.

Mesquita Filho veio a falecer em 1969, e o controle e administração do jornal passa para as mãos de Júlio de Mesquita Neto. Nesse momento obtém destaque internacional devido ao seu ato de denúncia contra a censura, onde usava os versos de Os Lusíadas de Luís Camões além de passar receitas culinárias que nunca davam certo nos locais onde após a diagramação das notícias no jornal os censores mandavam retirar porque não estava de acordo com as normas, ou seja, era sensível a ditadura militar.

Em 1975, o *Estado de S. Paulo* completou 100 anos de história, mas devido à ingerência sofrida durante o período Vargas o jornal comemorou apenas 95 anos, devido 05 anos terem sido descontados da sua história oficial. Ainda em 1975 é reconhecido mundialmente como um dos jornais mais completos do mundo.

Em 1990, Júlio de Mesquita Neto veio a falecer e o jornal passou para seu irmão Ruy Mesquita, que se encontra sob sua posse até os dias de hoje.

“O jornal *O Estado de S. Paulo* pertence ao Grupo Estado cujo posicionamento político é a defesa do sistema democrático de governo, o Estado de direito, a livre iniciativa, a economia de mercado e um país socialmente mais justo.” (BORGATO, 2016, p. 11) Ou seja, o *Estadão* se encontra no espectro político alinhado a valores liberais, sendo no Brasil um dos maiores defensores da causa.

Após essa breve introdução sobre metodologia, e história do *Estadão*, iniciar-se-á falarmos a respeito da Revolução Russa. E iniciaremos com a seguinte questão abordada por Eric Hobsbawm em seu livro “Sobre História”: É possível falar da Revolução Russa?

A resposta é sim. Mas como observa Hobsbawm “[...] podemos algum dia escrever a história definitiva de alguma coisa [...] em um sentido óbvio a resposta é não [...]” (HOBSBAWM, 2013, p.332). Para um amplo debate e acesso as informações da época da Revolução Russa levará um pouco de tempo, pois em termos históricos a desintegração da URSS foi há muito pouco tempo atrás, o que torna seus documentos, acervos e posições ainda poucos explorados.

Quando dados melhores ou mais completos se tornam disponíveis, devera tomar o lugar dos dados deficientes e incompletos. Por si só, isso transformará a historiografia soviética, mas não responderá, contudo, a todas as nossas perguntas, particularmente as concernentes ao período soviético inicial antes da burocratização plena do regime quando o governo e o partido soviéticos de fato não sabiam muito do que estava acontecendo em seu território (HOBSBAWM, 2013, p.344).

Por questão metodológica utilizaremos nesse presente artigo “Revoluções de Fevereiro e de Outubro”, pois “As revoluções ainda são conhecidas na Rússia como Revoluções de Fevereiro e de Outubro, já que os russos ainda usavam o antigo calendário Juliano, que estava 13 dias atrás do calendário gregoriano usado no restante da Europa” (LOWE, 2011, p.361).

No início do século XX a Rússia vivia sob o comando absoluto do czar Nicolau II ligado a casa dos Romanov, e, sua sociedade “[...] continha uma mistura extremamente volátil de riqueza ostensiva e dolorosa pobreza, de força e fraqueza, de atraso e modernidade, de despotismo e uma urgente exigência de mudanças” (WOOD, 1991, p.18). Para poucas pessoas um luxo desenfreado, para a ampla maioria da população miséria como predestinação. Uma hora essa contradição iria cobrar seu preço.

Após a derrota para o Japão na guerra entre os dois países em 1905 somando as péssimas condições de vida, bem como os ideais marxistas espalhados pelo país, à sociedade passa a fazer greves, manifestações atingem até mesmo o exército, somados ao massacre ordenado pelo czar que ficou conhecido como “Domingo Sangrento” onde uma passeata até o palácio do imperador foi violentamente reprimida a balas, não existindo diálogo entre manifestantes e o czar. Para aplacar os ânimos exaltados o imperador resolve autorizar a realização de uma assembleia nacional que ficou conhecida como “Duma Estatal” e o Conselho de Estado.

[...] que foram criados para permitir uma participação pública tanto nos processos deliberativos quanto nos legislativos referentes à definição política a nível governamental. A Duma era formada por cerca de 500 deputados eleitos, representando todas as classes sociais russas, e o Conselho de Estado (uma espécie de “Câmara Alta”) continha igual proporção de membros eleitos e indicados, representando as principais instituições sociais, religiosas, educacionais e financeiras. (WOOD, 1991, p.51).

Durante as eleições para a Duma surgem vários partidos políticos das mais variadas inclinações ideológicas. Cabe destacar que dentre eles surgem o partido Bolchevique mais radical em sua conjuntura e Menchevique mais moderado, ambos no espectro políticos alinhados ao ideal de esquerda.

Apesar das pequenas reformas introduzidas a partir de 1905 os ânimos ainda eram de insatisfação, contudo o clima estava sendo controlado até o momento que a Rússia declara guerra à Alemanha e entra na Primeira Guerra Mundial. Os ânimos novamente voltam a subir, culminando com a derrocada do absolutismo liderado pelo czar Nicolau II em 1917.

Devido à participação na Primeira Guerra Mundial a situação da população russa estava ainda mais excruciante do que em 1905. Cada vez menos alimentos para o povo, já que grande parte era confiscada para sustentar as tropas no front, impostos cada vez maiores para sustentar a maquina de guerra, cada vez mais pessoas eram obrigadas a largarem suas casas e família e irem lutar em terras distantes e na maioria das vezes nunca mais retornavam. A sociedade se encontrava a beira de uma convulsão social. E ela viria na forma de revolução. “A revolução foi filha da guerra [...]” (HOBSBAWM, 2003, p. 61).

Os distúrbios ocorridos nas filas para comprar alimento, formadas por pessoas famintas, logo evoluíram para demonstrações violentas, choques com a polícia e, por fim, motim militar entre as tropas descontentes aquarteladas na capital. Em quatro dias conturbados de 27 de fevereiro a 2 de março, a Duma teve seus trabalhos suspensos, o governo entrou em colapso, o czar foi forçado a abdicar e surgiram dois novos órgãos revolucionários de autoridade política, o primeiro Governo Provisório e o Soviete dos Deputados dos Trabalhadores e dos Soldados de Petrogrado. A autocracia chegava ao seu fim (WOOD, 1991, p.60).

Esse primeiro momento ficou conhecido como Revolução de Fevereiro que “[...] derrubou o czar e estabeleceu um governo provisório moderado” (LOWE, 2011, p.357). Os Mencheviques tomam a frente nesse primeiro momento com Keresnsky sendo seu principal líder. Os Bolcheviques por não concordarem com os métodos do partido Menchevique se afastam em primeiro momento- mais pra frente desempenharam papel crucial na história da Revolução Russa. A Rússia foi declarada uma república e um governo provisório foi instaurado.

Os revolucionários prometeram ao povo russo à saída da guerra, convocação de uma assembleia constituinte, terras e alimentos a população. Depois que tomaram o poder à força, os Mencheviques passaram a ser lenientes com os grandes proprietários de terras e a questão da comida a população ficou em segundo plano, além de postergar indefinitivamente a convocação da assembleia constituinte. “O governo provisório, partilhando de grande parte dos ideais políticos dos aliados ocidentais, e esperando estabelecer um regime constitucional democrático na Rússia, continuou a guerra contra a Alemanha” (THOMSON, 1979, p.86).

A população ficou insatisfeita com os resultados e o clima era de total apreensão, pois os Mencheviques prometeram uma coisa e estavam a fazer outra.

A relutância em atacar o problema da terra, a postergação da convocação de uma assembleia Constituinte e, acima de tudo, a continuação da guerra demonstrava claramente o fracasso do primeiro- ministro legalista em responder de maneira efetiva à predisposição revolucionária das massas. Só os bolcheviques prometiam que haveriam de imediato “paz, pão e terra” (WOOD, 1991, p.65).

Trotsky após voltar do exílio passa a concordar com os ideais de Lenin e entra para o partido Bolchevique. Importante revolucionário, Trotsky forma e lidera o Exército Vermelho e junto de Lenin que comanda os Sovietes depõem Kerensky e seu governo com amplo apoio da população, dos revolucionários e dos líderes do exército. A revolução entrara em sua fase radical e não teria mais volta. “[...] a Revolução de Outubro foi universalmente reconhecida como um acontecimento que abalou o mundo” (HOBSBAWM, 2003, p. 72).

No dia 07 de Outubro os Bolcheviques assumem o poder e “Lenin decretou o confisco das grandes propriedades em nome do Estado, proclamou o monopólio estatal do sistema financeiro [...]. Estava fundado o primeiro Estado Socialista” (ARBEX JR, 1993, p. 23-24). De imediato Lenin assinou o tratado de Brest-Litovsk com a Alemanha se retirando da guerra e seu lema “Paz, Terra, Pão” passou a ser ouvido em toda a Rússia. A fase ditatorial da revolução tinha chegado, com qualquer tentativa de oposição sendo esmagada. “A força das armas tinha triunfado por um tempo, mas a oposição levaria à guerra civil mais tarde, naquele mesmo ano” (LOWE, 2011, p.367).

Por questões de demarcação espacial a história da Revolução Russa irá parar na chegada ao poder dos Bolcheviques, pois, o artigo se delimita a sua eclosão e as Revoluções de Fevereiro e Outubro. A fase da guerra civil e a fase do grande terror com Stalin, bem como o período da Guerra Fria ficará para outra oportunidade.

Após findar a primeira parte, que serviu para situar historicamente e metodologicamente, será iniciada em sequência a segunda parte da proposta do artigo que constituirá da análise documental do Especial de 100 anos da Revolução Russa lançado pelo *Estadão*.

O Especial “100 Anos da Revolução” é um caderno contendo 04 páginas. Na capa traz uma matéria intitulada “A noite que mudou um século e cunhou uma

potência” de autoria de Cristiano Dias - jornalista e editor assistente do jornal *O Estado de S. Paulo*- e ao final da página seleciona criteriosamente as imagens dos principais personagens da Revolução Russa e coloca no meio destes o presidente atual da Rússia, Vladimir Putin.

Na página 02 traz duas entrevistas com historiadores, sendo a primeira entrevista com Alexander Rabinowitch- historiador, é um dos maiores nomes mundiais em matéria de Revolução Russa- e sua entrevista vai até a página 03. A segunda entrevista é com Tamás Krausz- historiador, foi um dos líderes do partido comunista húngaro.

Nas páginas 02, 03 e 04 o jornal traz ao centro um glossário com alguns termos, nomes e siglas que são utilizados ao longo do especial, bem como algumas fotografias da época.

Ao final da página 03 o *Estadão* traz a seguinte análise: “Reflexos na economia mundial estão longe da meta utópica” de autoria de José Fucs - jornalista e editor- a-largado do *Estadão*.

Na página 04 o jornal traz o seguinte artigo na parte superior: “Queda do muro permitiu entender elos com o Brasil” de autoria de William Waack- jornalista. E no fim da página 04 o especial traz a matéria de Wilson Tosta- jornalista do jornal *O Estado de S. Paulo*- intitulada “Marca do partido foi alvo de disputa ‘burguesa”.

Após essa introdução sobre o Especial, dar-se-á início a uma análise aprofundada e crítica, buscando nas entrelinhas, palavras utilizadas, títulos e subtítulos às representações do jornal ao tocante tema.

Sob o título de “A noite que mudou um século e cunhou uma potência” de autoria de Cristiano Dias o Especial em sua capa traz consigo um título impactante, atribuindo a um evento todos os acontecimentos subsequentes do século XX e ao utilizar o termo “cunhou” atribui exclusivamente que a Rússia, antiga URSS chegou aonde chegou devido aos eventos de Fevereiro/Outubro. De subtítulo ao centro do começo da matéria com fundo vermelho servindo duplamente para homenagear o comunismo e para destacar tem a seguinte chamada “Em 1917, nasceu o Estado capaz de derrotar o Nazismo, inspirar utopias e dizimar milhões com um resiliente autoritarismo”. Nota-se que a posição assumida é de que graças a evento acontecido nos idos de 1917 o nazismo –movimento supremacista e fascista alemão- só foi derrotado graças a URSS. Os esforços dos EUA, França e Grã-Bretanha bem como dos demais países do mundo não foram computados; ao dizer “inspira utopias” atribui ao comunismo e a forma de governo da URSS como algo que deu certo, exemplo a ser seguido pelo mundo todo.

Em sua matéria Cristiano Dias utiliza como referência alguns historiadores e outros intelectuais como, por exemplo: Joshua Tucker, Francis Fukuyama, Andrew Jenks, Stephen Cohen, Rex Wade e Kirill Solovyov. Respalda boa parte de sua argumentação com nomes acadêmicos na busca por credibilidade, veracidade e que corroborem com o seu discurso. Atribui as consequências futuras da URSS à tomada de poder pelos Bolcheviques. Narra uma história muito corrida e por vezes até superficial com momentos que busca comparar passado com presente. Ousar comparar Lenin com Putin chega a ser um sacrilégio histórico.

Na parte inferior da capa o Especial traz em si algumas imagens, tendo ao centro a figura de Lenin, no canto esquerdo tem as imagens de Leon Trotsky e de Nicolau II e em seu canto direito as figuras de Joseph Stalin e Vladimir Putin. Busca representar de certa forma os revolucionários em primeiro plano –Lenin, Trotsky e Stalin- e em segundo plano, a autocracia com Nicolau II e mesmo sendo eleito pelo voto popular Vladimir Putin.

Nas páginas 02 e 03 na parte superior das páginas têm a entrevista com o historiador Alexander Rabinowitch com o título “Vitória bolchevique foi a sentença de morte para uma democracia liberal”, e na parte superior da página 04 tem um trecho da entrevista em destaque vermelho: “Juntos, os papéis de Lenin e Trotski demonstram a decisiva importância de alguns indivíduos na história”. Com o título da entrevista, tem-se construído a ideia de que a tomada de poder pelos Mencheviques foi algo feito através de eleições democráticas. Na página 03 o jornal dá ênfase a tese positivista que atribui feitos da história mundial a alguns poucos homens.

Em sua entrevista o historiador Alexander Rabinowitch, dá ênfase a chegada ao poder pelos bolcheviques e afirma que a Revolução Russa foi um dos eventos formadores do século XX. Discorre sobre a fase da formação do governo provisório e a tentativa de formação de uma coalizão de partidos à esquerda.

Na parte inferior da página 02 o Especial traz a entrevista com o historiador Tamás Krausz, sendo o título da entrevista a frase do historiador “O partido se acostumou com a violência”. Ao centro da entrevista o jornal traz em destaque com o fundo vermelho a seguinte colocação proferida pelo historiador: “Muitos ‘Stalins’ existiram e eles impulsionaram Stalin ao terror”. Logo de cara pode-se notar que com o título e o destaque, o historiador buscará respaldar suas colocações utilizando da violência e assassinatos perpetrados pelos Bolcheviques, causando no leitor uma repulsa aos Bolcheviques quicá a Revolução Russa.

Krausz faz uma reflexão ponderada e altamente crítica das consequências da radicalização tomada quando os Bolcheviques chegam ao poder e traça um paralelo entre a guerra civil e o grande terror de Stalin. Com sua entrevista o jornal busca representar ao leitor o horror e crítica ao regime comunista da URSS.

Na parte inferior da página 03, o Especial traz uma análise de Jose Fucs intitulada “Reflexos na economia mundial estão longe da meta utópica” Fucs faz uma crítica à luz do capitalismo de livre mercado sobre o planejamento estatal da economia, procurando demonstrar economicamente o sofrimento da população em não ter acesso a bens alimentares e eletrodomésticos, pautando sua argumentação na crítica aos burocratas e altos funcionários do governo, além disso, faz uma rápida comparação com a situação vivida pelos russos nos dias de hoje.

Ao centro das páginas 02, 03 e 04 tem-se o “Glossário” onde traz algumas fotos da época da tomada do poder pelos revolucionários e traz pequenos significados para: “Czarismo; Lenin; Nicolau 2º; Bolcheviques; Teses de Abril; Kerenski; Governo Provisório; Revolução de Outubro; Bukharin; Trotski; Grande Terror; Kamenev; Gulag; Kruchev; Gorbachev; URSS; Glasnot; Perestroika; NEP; Degelo; NKVD”. Com esse glossário o Especial pretende informar ao seu leitor os nomes, siglas e significados de personagens e passagens da história da URSS, desde sua revolução fundadora até o seu desmoronamento pelas mãos de Gorbachev.

No topo da página 04 tem o artigo de Willian Waack com o título: “Queda do muro permitiu entender elos com o Brasil”, o autor faz uma narrativa pessoal/“histórica” de quando o Muro de Berlim ruiu e ele como correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo* acessou os documentos então secretos e descobriu que a interpretação soviética de Luís Carlos Prestes era totalmente diferente da difundida no Brasil pelos comunistas a respeito de seu líder. Na tentativa de desqualificar Luís Carlos Prestes o artigo de Willian Waack fica superficial demais.

Por fim, ao final da página 04 “Marca do partido foi alvo de disputa ‘burguesa” de autoria de Wilson Tosta busca traçar a história do Partido Comunista Brasileiro, desde sua fundação em 1922 até o racha em 1992, perpassando as consequências e

situação vivida pelo seu diretório durante a ditadura - assassinatos de seus membros. Utilizando a opinião de historiadores confere ao texto credibilidade histórica.

Na página 04 o Especial traz subjetivamente ao leitor como o regime comunista, bem como seus líderes e partidos foram um fracasso. Primeiro é líder que passava uma imagem de si para seus seguidores que não corresponderia com a “verdade”, depois é partido que vem a ruína quando o império soviético desmorona, e a falta de consenso dentro da própria legenda. Ao leitor é passada a imagem de fracasso e desorganização dos comunistas e de seu governo.

Nota-se como o jornal por meio de seu Especial vai moldando sua representação para o leitor, primeiramente demonstra o regime como o futuro vencedor do mal Nazista, depois demonstra como foi horrendo para a população economicamente e civilmente ao instaurar o medo e massacre como formas de se governar. Externamente um regime poderoso na lida contra inimigos em comum com os Ocidentais, internamente um regime selvagem que não aplaca a situação de seu povo. Nas entrelinhas o único regime que aplaca as injúrias de seus povos é o capitalismo liberal Ocidental que não tardaria a chegar à Rússia.

CONCLUSÃO

A tomada de poder pelos Mencheviques em 1917 desencadeou forças que se encontravam contidas abalando a ordem, depondo o czar e seu governo autocrata e excludente. Não foi suficiente, contudo, para apaziguar os ânimos, promessas não foram cumpridas e o mundo viu o que a junção de pessoas podem fazer. A tomada de poder pelos Bolcheviques solaparam os sonhos das nações ocidentais de ainda possuírem um aliado útil e obediente aos seus mandos e desmandos. Rompendo com os laços capitalistas e moldando a história mundial a Revolução Russa ainda hoje nos mostra seus significados e representações sem, contudo, findar o debate.

As representações obtidas do Especial “100 anos da Revolução Russa” demonstra um jornal preocupado em fazer a defesa de causa. Essa defesa se revela às vezes nas entrelinhas, às vezes nitidamente. Um jornal Ocidental, de circulação nacional, liberal, pró-mercado e a favor da democracia representativa faz a defesa dessas ideias de forma assídua em suas representações procurando desqualificar ideias, desmerecer grupos, diminuir a importância de acontecimentos e por meio de suas colocações trazem dúvidas na cabeça do leitor ao não trazer uma visão diferente que cause a oportunidade de conflito de visões, fomentando com isso um debate e a representatividade de ideias.

O jornal com sua influência e alcance nacional cumpre seu papel informativo ao falar sobre o assunto, o que o jornal não faz é abrir espaço para que ocorra um debate sadio e histórico sobre o tema com múltiplas correntes de pensamento. Prefere trazer ao público leitor uma representação distorcida, sem aprofundamento e superficial. Um tema tão complexo que mesmo 100 anos após seus eventos traz debates sem previsão de findar, ou mesmo a se chegar a respostas finitas, e, o jornal em seu Especial traz apenas 04 páginas para falar do tema na esperança de abarcar toda a Revolução Russa em seu início. Na esperança de se vender verdades, o jornal vende desinformação e uma representação de defesa de causa; defesa essa que se demonstram de ideais contrários a Revolução Russa.

REPRESENTATIONS OF THE SPECIAL OF 100 YEARS OF THE RUSSIAN REVOLUTION IN THE NEWSPAPER *O ESTADO DE S. PAULO*

ABSTRACT

The Russian Revolution, which completes 100 years of history in 2017, was one of the most significant events of the early twentieth century. An event of importance, meanings, fears, repercussions, and representations that shaped people's lives, political directions, and the world geopolitics. In this work, we intend to search for the representations of the 1917 Russian Revolution through the national press, *O Estado de S. Paulo*. Thus, we will evaluate the titles, subtitles, headlines, interviews, and contents of the 100 Year Special section of the Russian Revolution published in the newspaper *O Estado de S. Paulo*. At the end of this work, we intend to reach a result that will contribute to the understanding of the subject although it will not exhaust this subject, as well as its ample discussion.

Keywords: Russian Revolution. *O Estado de S. Paulo*. Special of 100 years.

REFERÊNCIAS

- ARBEX JR, José. **Revolução em 3 Tempos: URRS- Alemanha-China**. 1ed., São Paulo: Moderna, 1993.
- BORGATO, João, A. S. **Os Cinco Primeiros Dias da Construção e Queda do Muro de Berlim na Grande Imprensa Brasileira: Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo**. P.1-38, nov 2016. Bauru.
- CALONGA, Maurílio Dantielly. O JORNAL E SUAS REPRESENTAÇÕES: OBJETO OU FONTE DA HISTÓRIA?. **Comunicação & Mercado/UNIGRAN** - Dourados - MS, vol. 01, n. 02 – edição especial, p. 79-87, nov 2012. ISSN: 2316-3992. Disponível em < <http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/1N2/7.pdf>> Acesso em: 10 de Novembro de 2017.
- CHARTIER, Roger. **A HISTÓRIA CULTURAL: ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES**. 2 ed., Lisboa: Difel, 1990.
- DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: Pinsky, C, B. (Org.). **Fontes Históricas**. 2 ed., São Paulo: Contexto, 2008
- HOBSBAWM, Eric, J. **Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991**. Tradução: Marcos Santarrita. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. **Sobre História**. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- LOWE, Norman. **História do Mundo Contemporâneo**. Tradução Roberto Cataldo Costa. 4.ed. Porto Alegre: Penso, 2011.
- THOMSON, David. **Pequena História do Mundo Contemporâneo: 1914-1961**. Tradução: J.C Teixeira Rocha. 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- VIEIRA, Maria, P, A. PEIXOTO, Maria, R, C. KHOURY, Yara, M, A. **A Pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1989.
- WOOD, Alan. **As Origens da Revolução Russa (de 1861 a 1917)**. Tradução: Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1991.

FONTES

Cristiano Dias. A noite que mudou um século e cunhou uma potência. 100 Anos da Revolução Russa. In: **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 05 de Novembro de 2017, Capa.

Marcelo Godoy, Vitor Hugo Brandalise. ‘Vitória bolchevique foi a sentença de morte para uma democracia liberal’. Entrevista de Alexander Rabinowitch. 100 Anos da Revolução Russa. In: **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 05 de Novembro de 2017, p. 02.

Marcelo Godoy. ‘O partido se acostumou com a violência’. Entrevista de Tamás Krausz. 100 Anos da Revolução Russa. In: **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 05 de Novembro de 2017, p. 02.

Glossário. 100 Anos da Revolução Russa. In: **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 05 de Novembro de 2017, págs. 02-03-04.

José Fucs. Reflexos na economia mundial estão longe da meta utópica. 100 Anos da Revolução Russa. In: **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 05 de Novembro de 2017, p. 03.

Willian Waack. Queda do muro permitiu entender elos com Brasil. 100 Anos da Revolução Russa. In: **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 05 de Novembro de 2017, p. 04.

Wilson Tosta. Marca do partido foi alvo de disputa ‘burguesa’. 100 Anos da Revolução Russa. In: **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 05 de Novembro de 2017, p. 04.